



As senadoras Simone Tebet e Soraya Thronicke levam para a disputa presidencial temas que costumam ser pouco explorados pelos candidatos homens, como igualdade de gênero e violência contra o segmento feminino

# Mulheres marcam posição na campanha

» VINICIUS DORIA  
» VICTOR CORREIA

**A** candidata à Presidência pelo MDB, senadora Simone Tebet, viveu, ontem, um dia diferente em sua campanha eleitoral. De coadjuvante da polarização entre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o atual, Jair Bolsonaro (PL), a parlamentar foi alçada à posição de destaque, efeito da participação dela no primeiro debate entre os candidatos à corrida sucessória, domingo, na Band.

Tietada nas ruas de São Paulo, Tebet tirou fotos e ouviu elogios dos eleitores. Ela voltou a rechazar os ataques que sofreu do presidente Jair Bolsonaro (PL) no domingo e disse que conseguiu passar a mensagem que queria para o eleitorado. “É a sensação do dever cumprido. O debate serve para tirar as máscaras. Você não tem marqueteiro, você não tem alguém por trás. Ali, o que foi apresentado é aquilo que nós somos”, disse, em visita um centro para crianças e adolescentes da União Brasileiro-Israelita do Bem Estar Social (Unibes).

O enfrentamento a Bolsonaro foi retomado pela candidata, após reações favoráveis à posição que adotou de questionar a postura do presidente em relação às mulheres. “Não tenho medo de cara feia, não tenho medo de fake news, não tenho medo de ameaça. Quanto mais me ameaçarem, quanto mais nos agredirem, quanto mais humilharem as mulheres brasileiras, maior é nossa responsabilidade, minha e da Mara (Gabrieli, candidata a vice) de enfrentar esses desafios”, declarou Tebet.

Nas redes, o saldo também foi positivo para a candidata. Ela foi quem mais ganhou seguidores: 60,6 mil, segundo a plataforma de monitoramento CrowdTangle.

Ainda nas redes, uma pesquisa da Quaest revelou que Ciro Gomes (PDT) e Tebet foram os destaques do debate, com 51% e 41% de menções positivas, respectivamente.

A presidenciável Soraya Thronicke (União Brasil) também surfou a onda do debate, em que ela protagonizou um dos melhores embates com Bolsonaro. Em suas redes sociais, a senadora voltou a rebater a opinião do chefe do Executivo de que a eleição está polarizada e que não há margem para outras candidaturas. “Presidente, existem outros candidatos, incluindo mulheres. Respeite. O mundo não gira em torno do senhor e do que o alimenta: o PT. Gostando ou não, vai ter que me engolir, e as outras candidatas também”, escreveu.

## Arena masculina

Para a cientista política Andressa Porto, diretora da Pulso Público, as duas senadoras “inovaram” e se destacaram em uma arena predominantemente masculina, em que a expectativa girava em torno do desempenho dos dois candidatos que polarizam a disputa. “Elas tornaram o debate mais rico e mais profundo, mostraram que estavam muito bem preparadas, o que é uma característica das mulheres quando enfrentam ambientes masculinos, em que homens dificilmente são cobrados sobre suas habilidades”, avaliou a pesquisadora.

Para exemplificar, ela cita uma passagem do debate em que Bolsonaro escolhe Ciro Gomes (PDT) para discutir o papel das mulheres na sociedade. “É curioso ver que as duas (candidatas) foram pouco provocadas, mas elas aproveitaram bem a dinâmica do debate, um espaço masculinizado, em que as mulheres têm dificuldade de se posicionar. Foi uma participação histórica: duas mulheres entre os seis candidatos mais bem colocados nas pesquisas”, acrescentou Porto.

Para a professora de ciência política da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) Luciana Santana, a discussão sobre igualdade de direitos entre homens

Fotos: Miguel Schincariol/AFP



Simone Tebet foi quem mais recebeu novos seguidores nas redes após o debate de domingo: 60,6 mil



Thronicke protagonizou um dos momentos mais comentados nas redes: as menções a “tchutchuca” e a “tigrão”

e mulheres ganhou destaque inédito no debate político por causa das duas presidenciáveis. “O tema de gênero predominou no debate tanto pelos

posicionamentos da Soraya e da Simone quanto das próprias entrevistadoras que provocaram esse tema. A Simone foi a que melhor conseguiu responder, além

de levar para sua responsabilidade de um governo que teria as mulheres como prioridade”, avaliou.

As duas cientistas políticas compartilham a opinião de

que o debate não deve alterar de forma significativa o quadro das pesquisas de intenção de voto, mas ajuda a dar centralidade a questões que não costumam entrar na pauta de candidatos homens e que podem influenciar, principalmente, as eleitoras indecisas na hora de votar. “Elas foram habilidosas, tiraram os homens de sua zona de conforto. Simone é quem tem mais condições de provocar mudanças na polarização, mesmo que de forma sutil”, concluiu Andressa Porto.

Não houve nenhuma combinação entre Tebet e Thronicke para agir em “dobradinha” no debate, mas uma complementou a outra. Ambas abordaram questões caras às mulheres, como a violência de gênero e aproveitaram bem as escorregadas dos adversários quando esses tiveram a oportunidade de falar sobre o tema.

Thronicke conseguiu sair do quase anonimato ao antagonizar com Bolsonaro de forma dura, quando criticou o ataque machista do presidente à jornalista Vera Magalhães. O chefe do Executivo disse que Vera fazia acusações mentirosas contra ele e que ela é uma vergonha para o jornalismo.

A presidenciável do União Brasil saiu em defesa de Vera, atacando o presidente, em um dos momentos mais comentados nas redes sociais por causa da menção a “tchutchuca” e a “tigrão” e, ainda, devido à referência a uma das personagens centrais da novela Pantanal. “Quando homens são tchutchuca com outros homens, mas vêm para cima da gente sendo tigrão, eu fico extremamente incomodada. Ai, eu fico brava, sim, e digo mais para você (dirigindo-se a Bolsonaro): lá no meu estado, tem mulher que vira onça, e eu sou uma delas. Eu não aceito esse tipo de comportamento e de xingamento e, acima de tudo, disseminar ódio entre os brasileiros e nos dividir”, rebateu.

## NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo  
luizazedo.df@dabr.com.br

## No debate dos presidenciáveis, todos os homens são mortais

As feministas da geração de Simone Tebet (MDB) e Soraya Thronicke (União Brasil) têm como uma das referências a escritora francesa Simone de Beauvoir, que foi casada com o filósofo existencialista francês Jean Paul Sartre. O livro *Todos os homens são mortais* (Nova Fronteira), de sua autoria, que empresta o título à coluna, conta a história de Régine, uma atriz ambiciosa e invejosa, e o Conde Raymond Fosca, rei de Carmona, personagem nascido no ano de 1279 (séc. XIII), que havia tomado o remédio da imortalidade.

Régine é uma anti-heroína que reconhece seus defeitos e se arrepende deles, mesmo sabendo que não conseguirá mudá-los.

Fosca surge no romance pelos olhos da atriz: “Esse homem! — disse ela. — Por que se levanta tão cedo?”. Dele se aproxima. O antigo rei lhe conta seu segredo, o de ser imortal, e a partir daí, Régine torna-se obcecada pela ideia. Para demovê-la, Fosca narra a história de sua vida, desde 1279 até o seu encontro com Régine, num passeio da Idade Média à Modernidade.

O livro foi lançado em 1946. Fosca apresenta vantagens e desvantagens de ser imortal. Com o passar dos anos — das guerras, das pestes, das mortes de amigos e inimigos e de entes queridos, como esposas e filhos —, Fosca desanima da vida e passa a buscar respostas para

suas perguntas nos outros, assim como é através deles que tenta viver. Não se percebe mais capaz de ser um ser humano como os demais. Quando termina sua história, Fosca deixa Régine sozinha. Cabe a ele seguir por milênios, amaldiçoado. O livro de Simone de Beauvoir nos revela que cada um tem “a dor e a delícia de ser o que é”.

## Fora da dicotomia

O debate presidencial de domingo serviu para mostrar que há mais opções além da polarização entre os candidatos que a promovem. O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presidente Jair Bolsonaro (PL)

podem não ser “imortais” como Fosca, que podia fazer qualquer escolha, mesmo a mais sangüinária e/ou desastrosa, e sobreviveria aos seus próprios erros e aos prejuízos que causaram.

Segundo o analista de redes sociais Sérgio Denicoli, da Modalmais/APExata, “há vida política fora da dicotomia bolsonarismo x lulismo”. Ao processar a análise de 400 mil tuítes, Denicoli constatou que há um cansaço nas redes sociais com o embate entre as duas maiores forças políticas do país, explícito não apenas nas falas dos candidatos, mas nos sentimentos provocados pelo debate: a tristeza foi a emoção predominante, representando 18,7% dos posts; em seguida, a raiva (14,66%) e o medo (16,69%). A confiança foi apenas o quarto sentimento mais presente: 13,34% dos tuítes.

A rejeição a Bolsonaro e a Lula passou ser o fator determinante da polarização eleitoral, paradoxalmente, mantendo-os

na liderança por serem antagônicos. Quem rejeita um vota no outro, acredita que o candidato escolhido é o único com chances de derrotar o adversário. “Entretanto, o debate trouxe uma lufada de ar fresco, mostrando que há outras equipes no páreo. O desempenho de Simone Tebet e Soraya Thronicke surpreendeu”, destaca Denicoli.

Os dados da AP Exata mostram que as duas candidatas mulheres foram as mais aprovadas pelos internautas. Simone teve 41,29% de aprovação entre os que a mencionaram, enquanto Soraya alcançou 41,25%. Ciro ficou em terceiro com 39,96%, Felipe D’Ávila veio na sequência (37,41%), seguido de Lula (36,16%) e Bolsonaro (36,07%). Simone ainda liderou nos sentimentos de confiança, surpresa e alegria. Bolsonaro foi o líder em tristeza, e Lula, em desgosto e medo.

“O debate foi mais negativo para os protagonistas da disputa, que chafurdaram em suas

rejeições e em suas fraquezas, claramente expostas”, concluiu Denicoli. Em termos de menções, Simone foi a que mais cresceu ao longo do debate. Iniciou com 3,6% e finalizou com 10,5%, um aumento de 191,6%. Ciro cresceu de 14,5% para 15,3%. Soraya ampliou sua visibilidade de 2,5% para 7,6%, e D’Ávila de 1,7% para 3,4%. Lula e Bolsonaro encolheram. O petista iniciou abarcando 41,3% das menções e finalizou com 33,1%. Já o presidente saiu de 36,3% para 30,2%.

Considerando como os termos “voto” e “votar” se associaram aos candidatos no Twitter, Bolsonaro teve a queda mais acentuada, passando de 35,7% para 27,04%. Lula também caiu, de 39,12% para 32,9%. Ciro cresceu de 19,46% para 26,59% e Simone passou de 4,3% para 10,27%. Nos próximos dias, o comportamento das redes mostrará se os efeitos do debate vão se consolidar como tendência ou foram momentâneos.